

CONTRIBUIÇÕES DA NEUROPSICOPEDAGOGIA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA EM INGLESA EM CRIANÇAS COM TDAH

Bruna Daniella Muniz Perruci (1); Alexandra Maria do Nascimento Silva (2); Roberta Gomes de Santana (3); Sthenio José Ferraz Magalhães (4)

(1) Faculdade Metropolitana da Grande Recife, zooobp@hotmail.com; (2) Faculdade Metropolitana da Grande Recife, alexandrasilvagds@hotmail.com; (3) Faculdade Metropolitana da Grande Recife, roberta.pe@hotmail.com; (4) Universidade Federal de Pernambuco, sthenio@live.com.

Resumo: A neuropsicopedagogia tem sido considerada uma ciência transdisciplinar fundamentada nos conhecimentos da neurociência, da psicologia e da pedagogia que tem contribuído no entendimento do cérebro e dos processos de aprendizagem sob uma nova perspectiva. As implicações do desenvolvimento cerebral na aquisição de segunda língua podem ser positivas, pois a estrutura cerebral da criança oferece disponibilidade de aproveitamento sináptico de toda e qualquer informação proveniente do meio em que ela está inserida, nesta fase o desenvolvimento cerebral é surpreendentemente acelerado, o que facilita muito as sinapses e ramificações neuronais. Nesse sentido, por meio de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo esta pesquisa definiu como objetivo geral analisar as metodologias e as práticas pedagógicas no ensino da língua inglesa para crianças com transtorno de déficit e atenção com hiperatividade (TDAH) à luz da neuropsicopedagogia. Teve como objetivos específicos correlacionar a utilização da neuropsicopedagogia com os processos de ensino e aprendizagem da língua inglesa e identificar a eficiência das práticas pedagógicas aliadas aos conhecimentos da neurociência na construção do conhecimento dessas crianças. Os principais resultados indicaram que para um processo de ensino e aprendizagem eficaz quanto ao ensino da língua inglesa necessita-se de práticas metodológicas aliadas aos conhecimentos prévios das necessidades e limitações dessas crianças com TDAH. Sendo hermético o processo cognitivo de aquisição de línguas, mas também bastante discutido pela neurociência, pode-se afirmar sob uma perspectiva neuropsicopedagógica que os diversos estímulos cerebrais são pressupostos para otimização do processo de ensino aprendizagem, consolidando a hipótese de que a aquisição de uma segunda língua estimula e otimiza a atenção e a atividade cerebral das crianças com TDAH.

Palavras-chave: neuropsicopedagogia, ensino de línguas, práticas pedagógicas, neurociências, TDAH.

1 INTRODUÇÃO

A linguagem humana apresenta-se como uma verdadeira janela para as investigações do cérebro, assim a neuropsicopedagogia coloca-se a disposição contribuindo no processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa, em especial em crianças com TDAH. Nesse sentido, o presente trabalho buscou responder os seguintes questionamentos: quais as contribuições da neuropsicopedagogia no processo de ensino e aprendizagem da língua estrangeira em crianças com o transtorno de déficit e atenção com hiperatividade (TDAH)? Como avaliar se as metodologias aliadas à neuropsicopedagogia e práticas pedagógicas utilizadas nesse processo

são condizentes e eficientes a aprendizagem dessas crianças?

Partindo dessas indagações foi definido como objetivo geral do trabalho analisar as metodologias e as práticas pedagógicas no ensino da língua inglesa para crianças com TDAH à luz da neuropsicopedagogia. Como objetivos específicos foram definidos correlacionar a utilização da neuropsicopedagogia com os processos de ensino e aprendizagem da língua inglesa, assim como identificar a eficiência das práticas pedagógicas aliadas aos conhecimentos da neurociência na construção do conhecimento dessas crianças.

2 METODOLOGIA

Foi utilizada como metodologia para o desenvolvimento do presente trabalho a pesquisa qualitativa, a qual visa a construção da realidade, mas que se preocupa com as ciências sociais, trabalhando com o universo das crenças, valores, significados e outros construtos profundos dessas relações que não podem ser reduzidos a previsões e variáveis de hipóteses. Marconi e Lakatos (2010) explicam que a abordagem qualitativa se trata de uma pesquisa que tem como premissa a análise e interpretação dos aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano e ainda fornecendo análises mais detalhadas sobre as investigações, atitudes e tendências de comportamento.

A pesquisa também teve caráter bibliográfico, uma vez que se debruçou sobre diversas fontes secundárias e literaturas relativas à temática abordada, possibilitando a sua fundamentação. O intuito desse tipo de pesquisa é colocar o cientista em contato com o que foi produzido sobre determinado assunto, inclusive através de conferências (MARCONI & LAKATOS, 1992).

Para Gil (1994, p.71) “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.” Ainda segundo Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste tópico serão apresentadas as discussões que fundamentam o trabalho. Foi subdividido nas seguintes categorias: breve

caracterização da Neuropsicopedagogia, processos de ensino e aprendizagem de línguas, a Neuropsicopedagogia e a aprendizagem de outra língua, processos de aprendizagem em crianças com TDAH.

3.1 Breve caracterização da Neuropsicopedagogia

Entender a conexão cérebro x aprendizagem apresenta-se como um dos grandes desafios educativos. Entretanto, considerando que a neurociência é uma ciência nova, pode-se dizer que a referente relação ainda necessita bastante estudo abrangendo profissionais das mais diversas áreas.

Uma das áreas que vem abrindo espaço dentro âmbito de conhecimento é a Neuropsicopedagogia, que no Brasil teve a sua entrada, em Santa Catarina através do Centro Nacional de Ensino Superior, Pesquisa, Extensão, Graduação e Pós- Graduação.

A primeira definição neuropsicopedagógica foi descrita por Jennifer Delgado Suárez (2006) no artigo intitulado “Desmistificación de la neuropsicopedagogía” onde apresentou historicamente a trajetória e ressaltou sua importância para o contexto educativo.

Fernandez (2010 *apud* HENNEMANN, 2012) aponta para três pontos esclarecedores da Neuropsicopedagogia: 1º Educação; 2º Psicologia e 3º Neuropsicologia. Educação no intuito de promover a instrução, o treinamento e a educação dos cidadãos. A Psicologia com os aspectos psicológicos do indivíduo. E, finalmente, a Neuropsicologia com a teoria das múltiplas inteligências, propostas por Gardner.

Contudo, em 2014 foi fundada a Sociedade Brasileira de Neuropsicopedagogia (SBNPp) que apresenta uma definição mais pontual da Neuropsicopedagogia:

[...] uma ciência transdisciplinar, fundamentada nos conhecimentos da Neurociências aplicada à educação, com interfaces da Pedagogia e Psicologia Cognitiva que tem como objeto formal de estudo a relação entre o funcionamento do sistema nervoso e a aprendizagem humana numa perspectiva de reintegração pessoal, social e educacional. (SBNPp, 2014)

Através dos conhecimentos neuropsicopedagógicos existe a possibilidade de entender como se processa o desenvolvimento de aprendizagem de cada indivíduo, melhorando os aspectos educacionais e dessa forma evidenciar a ideia de que a aprendizagem não ocorre apenas para alguns; mas que para alguns indivíduos a aprendizagem, deve vir acompanhada

de muita estimulação, respeitando o ritmo de desenvolvimento de cada indivíduo.

Então pode-se afirmar que o ato de aprender é um ato complexo, não envolve somente compreender e memorizar os conteúdos; aprender envolve emoção, interação, alimentação, descanso, motivação entre outros.

Diante disso vale destacar que a neurociência pode ajudar muito a todos os indivíduos, mas especialmente aqueles com transtornos, síndromes e dificuldades de aprendizagem, uma vez que se tem o entendimento da plasticidade cerebral, da busca de novos caminhos para o aprender e das múltiplas inteligências propostas por Gardner.

Hennemann (2012) descreve algumas práticas neuropsicopedagógicas, atribuídas a estes profissionais como por exemplo compreensão do papel do cérebro em relação aos processos cognitivos nos diferentes espaços da escola, intervir no desenvolvimento psicomotor e psíquico do indivíduo e ainda compreender o aspecto de inclusão abrangendo educandos com dificuldades de aprendizagem.

O neuropsicopedagogo, profissional que está em constantes buscas de conhecimentos acerca dos transtornos, síndromes, patologias e distúrbios a qual o indivíduo possa estar relacionado, terá condições de identificar nos indivíduos tais sintomatologias, procurar identificar quais competências e habilidades que tais indivíduos possuem, e propor uma intervenção neuropsicopedagógica, que se fará acompanhada junto aos familiares, professores, equipe pedagógica e demais profissionais que se fazem presentes na vida destes indivíduos.

3.2 Processos de ensino e aprendizagem de línguas

A linguagem tem uma função social e comunicativa, uma vez que é fator importante para o desenvolvimento mental, exercendo uma função organizadora e planejadora do pensamento. As funções que a linguagem possui, de acordo com Orlandi (2002), fundamentam-se a partir da interação social, na qual a linguagem é expressão fundamental e o sujeito pode então construir sua própria identidade.

Ainda em conformidade com Orlandi (2003) e Brandão (2002), pode-se ressaltar que por meio da ação o ser humano tem acesso ao mundo físico-social, e na mesma linha sobre a ação que o ser humano exerce sobre o mundo, pois através da atividade social é que esse mundo será transformado em um significado, em conhecimento e linguagem. A respeito dos conceitos de linguagem, com base nas teorias de Lev

Vygotsky, podemos concluir que a linguagem é ligada ao fator que cada indivíduo possui dentro do seu processo de pensamento.

De acordo com Oliveira (1993) no âmbito do pensamento e da inteligência, o homem utiliza ferramentas que auxiliam os processos psicológicos da fala, nas ações concretas. De uma forma geral, Orlandi (2002) cita que o ser humano só existe dentro do mundo e o mundo só existe dentro da linguagem.

Após investigação, iniciada há meio século, o psicólogo suíço Jean Piaget percebeu que as crianças possuem uma forma particular de pensar e entender, chegando à teoria do desenvolvimento cognitivo infantil. (CHAGURI, 2004)

Segundo Piaget citado por Chaguri (2004) o *Período Operatório Concreto* (07 aos 11 anos), é o período onde as palavras tornam-se instrumento do processo do pensamento e a criança torna-se mais comunicativa. Por meio desta concepção da teoria de Piaget, nota-se uma das razões para o ensino da Língua Inglesa nas séries iniciais do ensino fundamental.

As crianças assimilam uma Língua estrangeira com maior naturalidade quando começam mais cedo, pois dessa forma poderão dedicar mais tempo ao aprendizado da língua alvo, acumulando um conhecimento maior e mais sólido.

Algumas das razões para o ensino da Língua Inglesa para criança vêm da sua curiosidade, sendo este um grande fator de motivação e essencial ao aprendizado. As aulas de Língua Inglesa para crianças que frequentam as séries iniciais devem ser bastante lúdicas, principalmente para as crianças mais jovens. No ensino da Língua Inglesa, de início, não se deve perseguir a perfeição, mas sim animar o educando a tentar se expressar na língua estudada. (CHAGURI, 2004)

O pesquisador Brown (2001) acredita que quanto mais a criança é exposta a uma palavra, maior será a retenção da mesma, e que quanto maior o engajamento no processo de aprendizagem de uma Língua estrangeira, mais a criança incorporará essas novas palavras.

Portanto a apresentação da língua deve ser de maneira interessante e significativa, podendo utilizar-se de jogos, músicas, vídeos, entre outros que ajudarão na fixação da matéria.

Quando a língua inglesa é apresentada como diversão, as crianças passam a ser estimuladas e desenvolvem uma ótima capacidade de concentração. Através de trabalhos lúdicos, a criança passa a ter uma finalidade em seu aprendizado.

Independentemente de reconhecer-se a importância do aprendizado de uma Língua Estrangeira, considera-se necessário apontar algumas

justificativas do porquê de se ensinar a Língua Inglesa nas séries iniciais.

O caso típico é o papel que o Inglês representa em função do poder e da influência da economia norte-americana. Essa influência cresceu ao longo deste século, principalmente a partir da Segunda Guerra Mundial, e atingiu seu apogeu na chamada sociedade globalizada e de alto nível tecnológico, em que alguns indivíduos vivem neste final de século. O Inglês, hoje, é língua mais usada no mundo dos negócios, e em alguns países como Holanda, Suécia e Finlândia, seu domínio é praticamente universal nas universidades. (BRASIL, 1998, p.23)

Analisando o ensino da língua Inglesa como uma ferramenta para a formação da criança como cidadão, observa-se que a aprendizagem de uma língua estrangeira “não é só um exercício intelectual de aprendizagem de formas estruturais (...), é sim, uma experiência de vida, pois amplia as possibilidades de se agir discursivamente no mundo”. (BRASIL, 1998, p.38)

Assim, segundo Chaguri (2004), o papel que a Língua estrangeira desempenha nas séries iniciais é auxiliar as relações sociais e culturais da criança, possibilitando um desenvolvimento intelectual mais sólido para criança e o aluno das séries iniciais pode perceber que através do seu trabalho, da sua aprendizagem e do seu esforço é possível transformar e intervir no meio onde vive desenvolvendo suas habilidades na vida escolar.

3.3 Neuropsicopedagogia e a aprendizagem de outra língua

Para Vigotsky, o pensamento e a linguagem humana são a chave primordial para o entendimento da natureza da consciência humana. Para ele, a palavra desempenha um papel central e imprescindível no seu desenvolvimento bem como na evolução histórico-social da mesma. Da mesma forma, a linguagem é determinada por períodos de aperfeiçoamento e expansão, assim como outras habilidades no desenvolvimento neuropsicológico da criança.

Historicamente, a educação bilíngue foi vista por educadores como prejudicial para o desenvolvimento da criança. Até meados da década de 1960, os pesquisadores apontavam que o bilinguismo traria prejuízos e malefícios em relação ao desenvolvimento cognitivo da criança. Após 1960, encontramos inúmeros trabalhos favoráveis ao bilinguismo. Sendo assim:

Até há pouco tempo, os neurocientistas acreditavam que, uma vez completado seu desenvolvimento, o cérebro era incapaz de mudar, particularmente em relação às células nervosas, ou neurônios. Aceitava-se o dogma segundo o qual os neurônios não podiam se auto-reproduzir ou sofrer mudanças significativas quanto às suas estruturas de conexão com os outros neurônios. [...] As pesquisas dos últimos 10 anos têm revelado um quadro inteiramente diferente. Em resposta

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

aos jogos, estimulações e experiências, o cérebro exhibe o crescimento de conexões neuronais. (CARDOSO E SABBATINI, 2006 *apud* PATELLI, 2015)

Existem diversas opiniões sobre o bilinguismo, o tema é objeto de inúmeras discussões, pesquisas e debates. Há alguns que defendem o ensino da segunda língua apenas a partir dos sete, oito anos, para que ocorra após o período de alfabetização na língua materna, e há os que defendem o ensino da segunda língua já nos primeiros anos da infância. Contudo durante a última década, o número de estudos sobre a neurociência do cérebro relacionando com a aprendizagem durante os primeiros anos da criança, tem crescido potencialmente.

O processo cognitivo de aquisição de línguas é bastante complexo, mas vem sendo bastante discutido pela neurociência, de maneira que essa discussão pode trazer contribuições positivas, explicitando como ocorre, no cérebro, esse processo.

Machado (1998 *apud* HABITZREITER, 2013) sobre o funcionamento cerebral afirma que quando estamos em processo de aquisição de segunda língua utiliza-se os dois hemisférios cerebrais, embora a língua materna esteja armazenada no hemisfério esquerdo e a segunda língua pode ser armazenada em qualquer um dos hemisférios. Porém no momento da fala ambos os hemisférios são ativados com funções específicas.

Para Patelli (2015) uma criança com proficiência em duas línguas intensifica sua atenção, inibindo outros estímulos, ou seja, intensifica sua habilidade de focar em um dos diversos estímulos que possa estar recebendo. Portanto as implicações do desenvolvimento cerebral na aquisição de segunda língua podem ser positivas, pois a estrutura cerebral da criança oferece disponibilidade de aproveitamento sináptico de toda e qualquer informação proveniente do meio em que ela está inserida, nesta fase o desenvolvimento cerebral é surpreendentemente acelerado, o que facilita muito as sinapses e ramificações neuronais.

Segundo Bartoszeck (2004 *apud* PATELLI 2015), por meio de estímulos neurológicos, nosso cérebro é capaz de criar (ligações eletroquímicas, conhecidas como sinapses) devido aos estímulos. Essas sinapses podem ser ampliadas ou eliminadas, em períodos críticos (períodos mais propícios ao desenvolvimento de habilidades) ao longo de nossa vida.

Um ponto muito importante é que é necessário que haja estímulos cerebrais diversos para que as crianças consigam se desenvolver, criar e consolidar mais sinapses neuronais, assim o cérebro consegue manter-se sempre ativo e atento.

3.4 Processos de aprendizagem em crianças com TDAH

Dentre os assuntos mais discutidos na Educação, destaca-se a diversidade do comportamento de estudantes e suas dificuldades de aprendizagem. Nesse contexto, a hiperatividade, uma componente do Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), vem sendo observada nos ambientes escolares.

Segundo Barkley (2008 *apud* SILVA 2003), em 1902, George Still, pediatra inglês, apresentou o TDAH, no qual observava alterações no comportamento de várias crianças a que atendia, acreditando que tais comportamentos não estavam ligados a falhas educacionais, mas sim, a algo biológico, quase impossível de detectar. Essas crianças não seriam consideradas, atualmente, com TDAH, pois apresentavam deficiência mental, lesões cerebrais e epilepsia. Still observou que elas tinham, em comum, grande inquietação, déficit de atenção e dificuldades de aprendizagem.

A Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID-10, 2011), clássica o TDAH pertencente ao grupo de transtornos caracterizados, por início precoce, falta de perseverança nas atividades, que exigem envolvimento cognitivo, e tendência a passar de uma atividade a outra sem acabar e ainda uma atividade global desorganizada, descoordenada e excessiva. Em contrapartida, o Manual Diagnóstico de Transtornos Mentais (DSM-5) apresenta mudanças referentes à faixa etária de surgimento do TDAH. O DSM-5 aponta também a possibilidade de classificar o TDAH em Leve, Moderado e Grave.

Silva (2003) afirma que o distúrbio do déficit de atenção e hiperatividade deriva de um funcionamento alterado no sistema neurológico cerebral, sendo as substâncias químicas produzidas pelo cérebro, chamadas neurotransmissores, apresentadas alteradas quantitativa e/ou qualitativamente no interior dos sistemas cerebrais que são responsáveis pelas funções da atenção, impulsividade e atividade física e mental no comportamento humano.

O TDAH afeta as áreas da cognição e tende a evidenciar as dificuldades de aprendizagem, porém, não inviabiliza por completo qualquer função cognitiva. Contudo, o mau funcionamento das funções executivas, as quais possuem estreita relação com os processos de aprendizagem, acarreta na dificuldade na aquisição de novos conteúdos. A dificuldade de atenção e a tendência a desorganização do pensamento também se faz presente confirmando o que Graeff e Vaz (2006 *apud* VINHAS, 2011) citam em relação a consequência desse comportamento característico.

Afirmando que o comprometimento da percepção objetiva da realidade e a realização das tarefas de maneira rápida e superficial também remetem ao comprometimento do raciocínio lógico desses indivíduos.

Dessa forma, entende-se a necessidade de debater esse tema na Educação, por se fazer tão presente na vida de muitos estudantes. É importante identificar os sintomas para ajudá-los a ter uma maior compreensão e aprendizado. Por isso a importância da adoção de uma proposta pedagógica que respeite as dificuldades dos estudantes com TDAH poderia ajudar na inclusão e na percepção de problemas sociais, emocionais e psicológicos que podem afetar o processo de ensino e aprendizagem.

4 CONSIDERAÇÕES

Este trabalho teve como objetivo geral analisar as metodologias e as práticas pedagógicas no ensino da língua inglesa para crianças com transtorno de déficit e atenção com hiperatividade (TDAH) à luz da neuropsicopedagogia. Partindo de uma pesquisa bibliográfica, confirmou-se a hipótese de que para um processo de ensino e aprendizagem eficaz quanto ao ensino da língua inglesa necessita-se de práticas metodológicas aliadas aos conhecimentos prévios das necessidades e limitações dessas crianças com TDAH.

Sendo hermético o processo cognitivo de aquisição de línguas, mas também bastante discutido pela neurociência, podemos afirmar sob uma perspectiva neuropsicopedagógica que os diversos estímulos cerebrais são pressupostos para otimização do processo de ensino aprendizagem. E assim se consolida a hipótese de que a aquisição de uma segunda língua estimula e otimiza a atenção e a atividade cerebral das crianças com TDAH.

Tendo em vista essa vertente e buscando melhoria no aprendizado dessas crianças, podemos evidenciar as dificuldades de aprendizagem e o mau funcionamento das funções executivas comprometendo a aquisição de novos conteúdos. Desta forma deve-se identificar e ressaltar as necessidades desses estudantes com sintomas característicos como desatenção e desorganização, a fim de tornar o aprendizado cada vez mais eficaz e inclusivo considerando novas metodologias implementadas a partir dos achados neurocientíficos.

REFERÊNCIAS

BARKLEY, R. A. & Colaboradores. Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade Manual para

diagnóstico e Tratamento. 3 ed. Artmed Porto Alegre, 2008.

BARTOSZECK, A. B.; BARTOSZECK, F. B. **Neurociência dos seis primeiros anos: implicações educacionais.** Harpia, v. 1, n. 2, p. 1-25, 2004.

BRANDÃO, Helena Nagamine, **Introdução à análise do discurso.** Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares nacionais:** língua estrangeira / ensino fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BROWN, H. Douglas, **Teaching by principles:** and interactive approach to language pedagogy. 2nd ed. San Francisco: State University, 2001.

CARDOSO, S. H.; SABBATINI, R. M. E. **Aprendizagem e mudanças no cérebro.** 2006. Disponível em: <http://www.cerebromente.org.br/n11/mente/eisntein/rats-p.html>. Acesso em 20 abril 2018.

CHAGURI, J. P. **A Importância da Língua Inglesa nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental.** In: O DESAFIO DAS LETRAS, 2., 2004, Rolândia. **Anais...** Rolândia: FACCAR, 2005. 08 f. ISSN: 1808-2548.

FERNANDEZ, Ana C. G. Aportes de la Neuropsicopedagogía a la pedagogia. **La visión de Jennifer Delgado em:** Desmistificación de la Neuropsicopedagogía. Colômbia, ASOCOPSIP, 2010. Disponível em <http://licenciadospsicologiaypedagogia.blogspot.com/2010/02/aportes-de-la-neuropsicopedagogia-la.html> Acesso em 15/04/2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002.

Graeff, R. L., & Vaz, C. E. (2006). **Personalidade de crianças com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) por meio do Rorschach.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, 22(3), 269-276. Recuperado em 29 dez. 2009, em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010237722006000300003&script=sci_abstract&tlng=pt

HENNEMANN, Ana L. **Neuropsicopedagogia Clínica: Relatório de Estágio.** Novo Hamburgo: CENSUPEG, 2012.

OLIVEIRA, Vygotsky. **Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico.** São Paulo: Scipione, 1993.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** Campinas: Fontes, 2002.

MACHADO, A. R. O diário de leituras. **A introdução de um novo instrumento na escola.** São Paulo: Martins Fontes, 263 p. D.E.L.T.A., Vol. 15, Nº 2, 1999 (361-366)

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Editora Atlas, 1992. 4a ed. p.43 e 44.

NUNES, Ana R. S. Carolino de Abreu. **O Lúdico na Aquisição de Segunda Língua**. Disponível em http://www.linguaestrangeira.pro.br/artigos_papers/ludico_linguas.htm (Acesso em: 16 de abril de 2018)

PATELLI, M.B. Neurociência, bilinguismo e o processo de aprendizagem na primeira infância. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=000963158>. (Acesso em: 01 de maio de 2108)

SCHÜTZ, Richard. **O que é talento para Línguas?** English Made in Brazil. Disponível on-line in < <http://www.sk.com.br/sk-talen.html>>. (Acesso em: 30 de abril de 2018)

SBNPP. **O que é Neuropsicopedagogia**. Joinville: Sociedade Brasileira de Neuropsicopedagogia, 2016.

SILVA, A. B. B. **Mentes inquietas. Entendendo melhor o mundo das pessoas distraídas, impulsivas e hiperativas**. São Paulo: Gente, 2003.